

anos  
tombamento  
do acervo

DOSSIÊ  
**GOIÂNIA**



anos  
fundação  
da cidade

**REVISTA NÓS**

CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS  
VOL. 08, Nº 1, 1º SEMESTRE DE 2023

ISSN 2448-1793



## MEMÓRIA EM CAMADAS

LAYERED MEMORY

<https://doi.org/10.5281/zenodo.10734977>  
Envio: 12/11/2023 ◆ Aceite: 16/12/2023



**Laila Beatriz da Rocha Loddi**

Arquiteta e urbanista pela UFSC; Mestre em Arte e Cultura Visual pela UFG; Professora do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual de Goiás. Doutoranda PPG/FAU UnB

Grande Hotel, Setor Central, Goiânia  
Ffoto: Anna Sarah Soares Campelo, 2023



Autora: Laila Loddi  
Título: Grande Hotel I  
Técnica: Dobradura sobre fotografia  
Dimensões: 45x55x5 cm  
Data: 2023

## MEMÓRIA EM CAMADAS

No final do ano de 2022, andando de carro à noite pelo centro de Goiânia, fui surpreendida pela visão do Grande Hotel iluminado com decoração natalina. O edifício na esquina da Avenida Goiás com a Rua 3 ganhou contornos brilhantes nas janelas e na porta, se destacando na paisagem tal qual os edifícios que são transformados em cenário de luzes às vésperas do Natal. Mas para além do brilho excessivo, me chamou a atenção a situação da sua fachada principal, com pixações por toda a extensão do pavimento térreo. As marcas em tinta spray estavam na parte inferior das paredes, de fácil alcance pela calçada, e acima das janelas, o que sugeria intervenções realizadas de maneira mais prolongada. O fato de um dos edifícios mais relevantes do conjunto arquitetônico tombado goianiense, um dos primeiros a ser construído na cidade, estar ao mesmo tempo pixado e iluminado despertou uma reflexão em torno das disputas por visibilidade no campo da memória, do patrimônio e da produção social da cidade. A cenografia oficial natalina não escondia as camadas de interferência expressas por meio de letras indecifráveis, que demarcavam presenças múltiplas, plurais, subversivas. E ainda: a opção de decorar com luzes festivas um prédio público em estado de suposto abandono revelava uma intrigante afirmação de coexistência temporal.

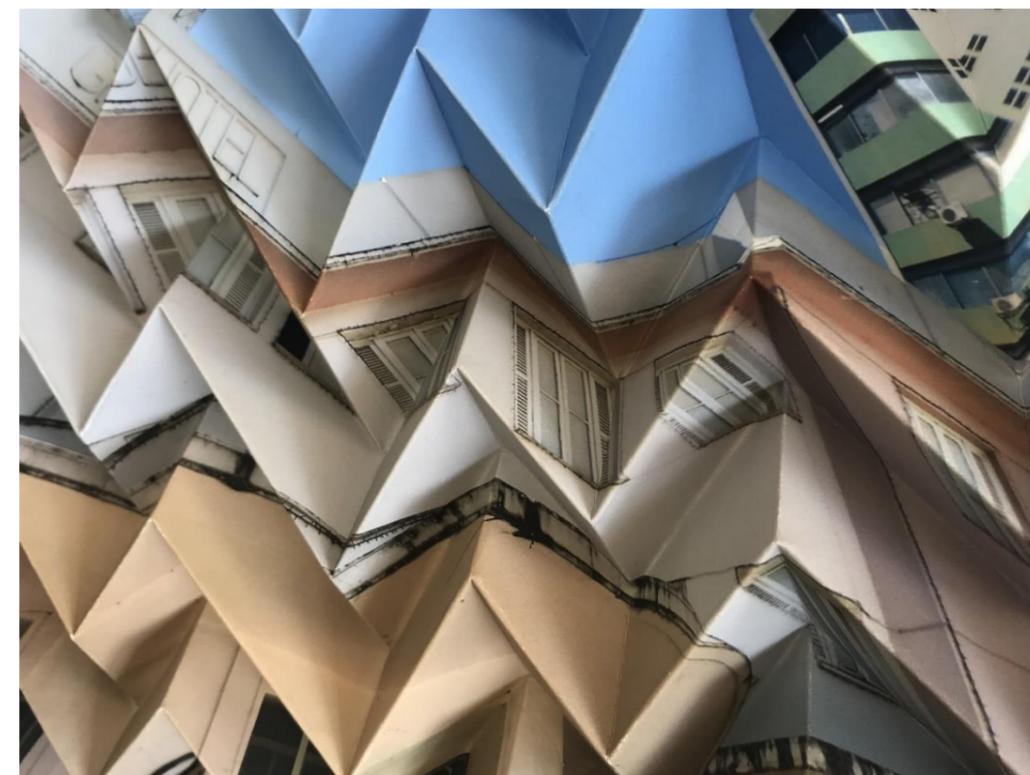
Movida por essas inquietações, investiguei no centro da cidade como se encontrava a arquitetura símbolo da modernidade ensejada nas primeiras décadas de Goiânia e outra edificação hoteleira em estilo *art déco* desvelou transformações do tempo em ação: o Goiânia Palace Hotel. Construído na década de 1950, localizado na Rua 8, o edifício passou por reformas recentes e ainda oferece serviços de hotelaria. O contexto urbano em que se insere, assim como o Grande Hotel, indica temporalidades que se sobrepõem em camadas de significados. Ambos hotéis narram a história moderno/colonial (MIGNOLO, 2017) de Goiânia e registram sua memória em movimento. O Grande Hotel, por exemplo, deixou de funcionar como hotel (que hospedou, entre outros, Claude-Lévi Strauss e Pablo Neruda) ainda nos anos 1970 e desde então esteve sob diversas administrações (ROCHA, 2013). Nos anos 2010 recebeu o evento aberto e gratuito “Grande Hotel Vive o Choro”, popularmente conhecido como Chorinho, que movimentava o centro da cidade e garantia apropriação e uso do equipamento cultural em questão. Hoje o centro chora outras mágoas, mas não é intenção deste breve ensaio tecer críticas sobre o estado de preservação do patrimônio arquitetônico local ou denunciar o esvaziamento dos equipamentos culturais, afinal estes são temas que merecem longas análises. Nos detivemos à observação das visualidades em camadas que revelam transformações urbanas pelas fachadas dos edifícios que compõem o imaginário do patrimônio cultural da cidade, desfigurados pelas interferências e pelo tempo. Imagens atuais dos dois hotéis alimentaram o trabalho experimental e de pesquisa plástica e visual “Patrimoniais”, apresentado neste ensaio visual.

“Patrimoniais” é uma série de fotografias autorais de edificações históricas do centro de Goiânia impressas com pigmentos minerais em papel fotográfico de

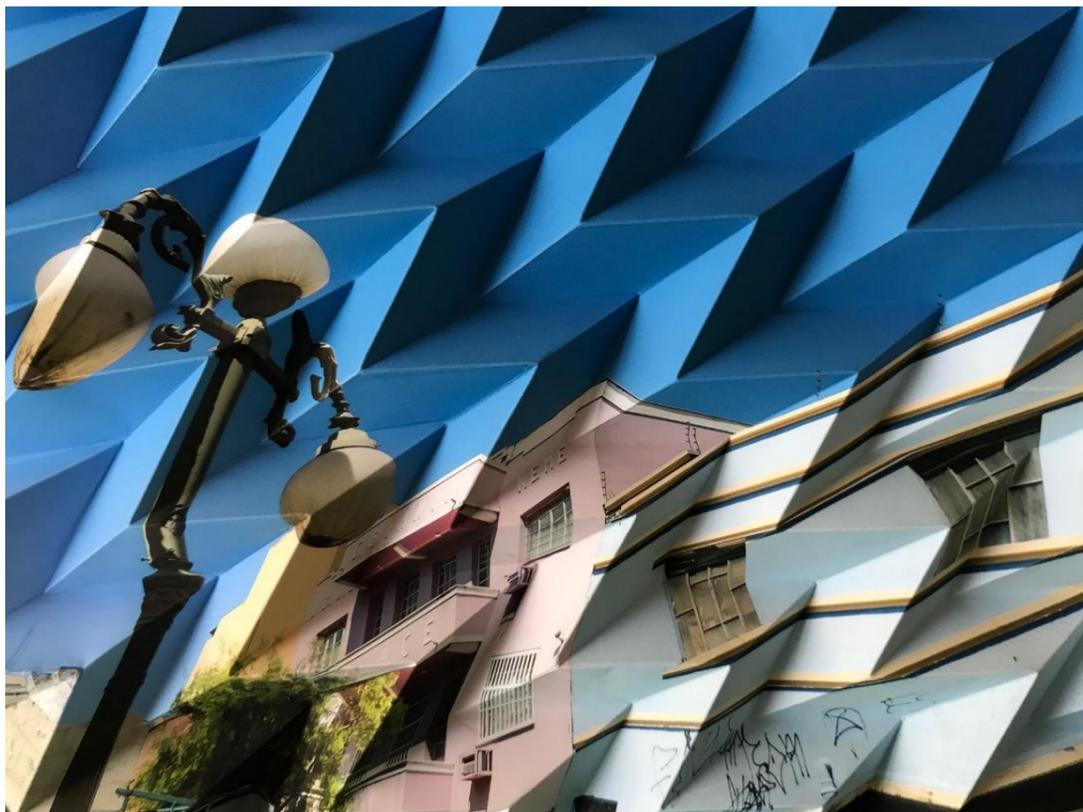
alta gramatura e modeladas manualmente. A técnica da dobradura sobre fotografia cria geometrias e texturas que deformam a imagem, gerando ruídos visuais e embaralhando sua leitura. Os relevos provocados pelas dobras do papel geram rugosidades na imagem, criando uma topografia fragmentária. Para o escritor Jorge Luis Borges, o fragmento “tem uma superfície rugosa onde nossa memória pode se agarrar; na superfície lisa do completo a memória escorrega” (CORRÊA, 2008). A rugosidade física das dobraduras faz com que as fotografias pareçam pixeladas, distorcendo noções de tempo e espaço.

Lidar com fotografias de edificações históricas no presente é pensar com as imagens em um tempo anacrônico, como tensões abertas ao passado e ao futuro; a imagem como uma vivência que atravessa o tempo histórico (SAMAIN, 2012). Nesse trabalho com imagens, recortar pedaços de coisas que sobreviveram, coisas necessariamente heterogêneas, como arquiteturas que ao longo do tempo ganharam cascas, películas, tatuagens efêmeras em spray. Pensar com essas imagens é pensar uma história da cidade com “todas as complexidades do tempo, todos os estratos da arqueologia, todos os pontilhados do destino”. (DIDI-HUBERMAN, 2012, p.212).

Os espaços das cidades, sobretudo os centrais que guardam os marcos fundantes do início de sua urbanidade, são territórios em disputa e em debate. A arte, nesse sentido, acompanha os movimentos que constroem narrativas diversas posicionadas nesse embate. A arte tem a potência de tensionar os lugares de memória e reinventar o real (BEIGUELMAN, 2019). A última imagem deste ensaio destaca um mural do artista Wes Gama, localizado na Rua 3 do Setor Central. A pintura mural de grandes proporções pode ser vista atrás da fachada do Goiânia Palace Hotel voltada para a Avenida Anhanguera. O trabalho cobre uma empena inteira e compõe um conjunto com outros dois murais marcantes na paisagem. Na pintura, uma pessoa carrega um filtro de barro com a palavra “Futuro”. É para este recorte que sobrepõe diferentes temporalidades em diferentes planos, aproximando memória e fabulação, que propomos olhar.



Autora: Laila Loddi  
Detalhe da obra Grande Hotel III.  
Técnica: Dobradura sobre fotografia  
Data: 2023



Autora: Laila Loddi  
Título: Goiânia Palace Hotel I  
Técnica: Dobradura sobre fotografia  
Dimensões: 45x55x5 cm  
Data: 2023



Autora: Laila Loddi  
Título: Goiânia Palace Hotel II  
Técnica: Dobradura sobre fotografia  
Dimensões: 45x55x5 cm  
Data: 2023



Autora: Laila Loddi  
 Detalhe da obra Goiânia Palace Hotel II. Em destaque, mural do artista Wes Gama.  
 Técnica: Dobradura sobre fotografia  
 Dimensões: 45x55x5 cm  
 Data: 2023

## REFERÊNCIAS

BEIGUELMAN, Giselle. **Memória da amnésia: políticas do esquecimento**. São Paulo: Edições SESC, 2019.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real**. Tradução de Patrícia Carmello e Vera Casa Nova. PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 206-219, 30 nov. 2012.

CORREA, Adriano Mattos. Construções de emergência. In: CANÇADO, Wellington (Org.) **Espaços colaterais**. Belo Horizonte: ICC, 2008.

MIGNOLO, Walter D. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais Vol. 32 nº 94 junho/2017. <https://doi.org/10.17666/329402/2017>. Acesso out/2023.

ROCHA, Daniella Medeiros Moreira. **A pioneira arquitetura de hotéis Art Déco de Goiânia: décadas de 1930 e 1950**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais, 2013.

SAMAIN, Etienne. **Como pensam as imagens**. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.





anos  
tombamento  
do acervo

DOSSIÊ  
**GOIÂNIA**



anos  
fundação  
da cidade

**REVISTA NÓS**

CULTURA, ESTÉTICA E LINGUAGENS  
VOL. 08, Nº 1, 1º SEMESTRE DE 2023

ISSN 2448-1793

Laila Beatriz da Rocha Loddi Título:  
Título: Grande Hotel I  
Técnica: Dobradura sobre fotografia  
Dimensões: 45x55x5 cm  
Data: 2023